



Bookcionário

“Trabalho de cão”

José Cardoso Pires

Os literatos escarneceram-no, os credores crucificaram-no e no entanto ele está vivo e escutanos.

Durante vinte e cinco difíceis anos, o capitão de reserva Formigal Aires foi um editor militante que praticou o livro português, na sua modesta oficina à rua da Trindade, com a devoção de um copista e a prodigalidade de um mecenas. Faliu, vitimado pela «dona Branca», que assolou o País nos anos oitenta, e não recebeu, que se saiba, uma palavra de amparo, um gesto de reconhecimento por parte dos muitos escritores que lhe deveram fama e conselho. Corria o ano de 1987, segundo da CEE no calendário português.

Agora, passada que foi uma década sobre essa data, houve notícia, pelo semanário «O Heraldo», de Santa Catarina, de que Formigal Aires tinha ressuscitado numa cidadezinha do Planalto Testamento, onde o enviado de «O Jornal» à recente viagem presidencial ao Brasil o foi de facto encontrar.

Formigal Aires, que na circunstância se escusou a declarações («O Senhor ensina-nos o esquecimento como fermento do perdão», justificou ele) dedica-se actualmente à publicação dos, assim chamados, «textos mediúnicos», tendo editado Heterónimos de Além-Túmulo de Fernando Pessoa e Sonetos da Luminosa Treva, de Antero. Contactado posteriormente por «O Jornal», aceitou todavia a enviar-nos a carta que publicamos no essencial. Título e subtítulos da responsabilidade da Redacção.

Stella Teosófica Uberlândia
Santa Catarina, Brasil

Senhor Director:

Pede-me V. Exa. que conte alguma coisa sobre o «ao tempo meu editado e amigo» (1). Fala-me dum romance (dele, ou como tal) que teria aparecido em 1987. Diz-me que é uma iniciativa do Clube dos Barmen de Portel. Que, como colaborador que foi desse jornal, o referido JCP justifica «uma referência ainda que passageira» no número de aniversário em vias de publicação. Que por isso lhe serão dedicadas algumas linhas no *Bookcionário* do dr. Assis Pacheco. Linhas breves, previne. Factuais. Indispensáveis, em todo o

caso, para informação de um ou outro estudioso.

Eu, francamente, surpreende-me que, a poucos meses do novo século (2), se manifeste qualquer interesse por um escritor que não teve nem geração, nem grupo, nem convívio que o creditasse. Lembrando o verso do poeta direi que a JCP «lhe doía o braço e sabia que era o pior aspecto do que era» mas que, mesmo com o braço a doer, escrevia de mais.

Mas vamos ao ponto: o quê, o JCP no *Bookcionário*? Mas ele amaldiçoava a folhinha, não sabia V. Exa.? «Um trabalho de cão», era o que eu lhe ouvia dizer a toda a hora. Ultimamente, então, logo que

abria «O Jornal Ilustrado» e deparava com as barbas do dr. Assis Pacheco à janela do *vient de paraître*, punhas logo a arder só com o bafo. Assanhadíssimo, pois que cuida V. Exa.? Desatava a escabujar palavrões que nem book nem dicionário algum teriam peito para encaixar e só parava quando lhe vinha um daqueles acessos de tabaco que o haviam de levar desta para melhor de todos nós.

(Mesmo nessa desordem ainda revirava os olhos para o telefone porque queria desabafar com o dr. Assis Pacheco, mas é evidente que o dr. Pacheco nunca estava, tinha mais que fazer.)

«Salto de tigre»

[...] Inveja? Custa-me, mas sou obrigado a conceder. Por mais de uma vez o ouvi rosnar textualmente: «Este tipo faz-me uma inveja danada» — e não se julgue que o dizia apenas por causa dos poemas. De modo nenhum. Parágrafo ou artigo com achados de escrita imediatamente o punham a remoer. Talvez fosse o sábio desenfado com que o dr. Assis Pacheco percorria a narração que o perturbasse. Ou o tal «ad libitum vigiado» a que ele fez referência uma vez, não sei.

O que sei é que também manifestava semelhante a atitude em relação a outros escritores. Em relação ao prof. Eduardo Prado Coelho, por exemplo, não podia perdoar o prazer que entretia a análise literária e a argúcia da exposição. Em relação ao poeta Herberto Helder, a claridade visionária e o sabor carnal das palavras. Em relação à romancista Maria Velho da Costa dizia apenas que ela era «bruxa da escrita». E mais casos — não muitos mais, também é verdade. Nalguns deles manifestou-se até por escrito e por extenso mas aí limitando-se, é claro, à ad-



JOÃO ABEL MANTA

miração sem outros desabafos. Feitos...

«A mão feliz»

Sei — prossegue a carta de Formigal Aires — que os amigos poucos que lhe sobreviveram ao cadáver e ao temperamento tentam desculpar o autor de *O Delfim* e *Outras Fábulas Menores*, definindo-o como indivíduo de fidelidades intempestivas. Seria segundo eles, um pouco à maneira dos ciganos que quanto mais querem à família mais lhe gritam. Ou como aquelas pessoas que, por pudor de confessarem a admiração até à última sílaba, a exprimem através de uma crítica exigente. Um amigo querido que está agora na Fraternidade do Além dizia-me que CP usava uma expressão muito dele e que era: «Quando o tigre é de salto magnífico há que exigir-lhe que voe.»

Se isso era verdade, a coisa passava-se ao revés no tocante ao *Bookcionário*. JCP queria que o autor do dito voasse, sim, mas para longe daquela folhinha. Se reconhecia que se tratava de um arquivo único, escrito a gosto e em dia, não sei. Sei que lhe chamava trabalho de cão, não de tigre, embora o tigre aparecesse pelo meio. E quando isso acontecia, fi-

cava ainda pior: dizia que o dr. Assis Pacheco andava em cruzada de guarda-livros dos outros para retardar a literatura própria. «Assis é um tipo de orgulhos insondáveis», segredou-me ele um dia com ar misterioso.

Tento ser imparcial, compreender. O Supremo Arquitecto impõe-me rigor e temperança nas linhas que estou escrevendo acerca de um sujeito que bem conheci e de quem me afastei em boa hora. Forço-me por isso a admitir que ele admirasse, como eu, a poesia de Assis Pacheco. Que lhe soubesse reconhecer a ironia transfigurada por certa «inocência» quase romântica. Que fosse capaz de lhe saborear o só aparente discurrir de *cronaca* (estou-me a lembrar desse espelho dos amores que é *A Bela do Bairro*) ou que se sentisse tocado pela lacrada solidão da comunidade da guerra. Admito mesmo que o seduzisse em Assis Pacheco a mão feliz da escrita, ou seja, a traquinice vocabular e o travo peninsularmente arteiro da sua frase.

Possível. Não digo que não.

De duas coisas, porém, estou certo. A primeira é que JCP chamava ao *Bookcionário* «trabalho de cão» (e daí, talvez, a incompatibilidade que acabou por se declarar entre ele e o Pache-

co...) A segunda, é que não levava à paciência que o dr. Assis Pacheco tivesse publicado durante tanto tempo os seus poemas fora do mercado convencional, preferindo o chamado sistema da *cadeia da felicidade*. Neste ponto concordo com ele porque foi essa prática de distribuição que deu cabo da Dona Branca e me fez fugir a mim dessa terra madrastra.

De V. Exa., etc.,
J. Formigal Aires,
ex-capitão

PS — Só há dias (mais de dez anos de atraso!) me veio parar às mãos *Variações em Sousa*, de Assis Pacheco (Hiena Editora, Lisboa 1987). Supondo que uma tão bela edição pudesse amenizar os reversos de JCP, propus a dona Viviane Brogli, secretária da nossa Associação e reputado medium internacional, que comunicasse com ele e transcrevesse. As sessões tiveram lugar a 3, 5 e 11 do corrente, mas a desordem dos ruídos e das explosões recebidas motivou que a nossa iluminada societária desistisse de qualquer contacto.

(1) José Cardoso Pires, romancista nascido em 1925. Formigal Aires recusa-se a nomeá-lo por extenso, referindo-o por JCP ou CP.

(2) Ruy Belo. (V. Obra Completa de Ruy Belo, ed. Presença, Lisboa).



SODIPEL

O MELHOR FORNECEDOR DE PAPEL DE JORNAL

A NÍVEL NACIONAL

A SODIPEL deseja as maiores felicidades aos que semanalmente fazem o «O Jornal» na passagem do seu 12.º aniversário!